

A minimalist line-art illustration in the background. On the right, a person with short hair and round glasses is shown from the chest up, holding a large open book. The person's face is simple, with a slight smile. The book is held with both hands, and its pages are visible. In the upper left, there is a large, faint arc and several small diamond shapes scattered around it.

Gêneros literários

Concepção aristotélica de gênero literário. Conceitos e contextos de definição dos gêneros épico, lírico e dramático. Gêneros literários e suas variações nos contextos clássico, romântico, moderno, de vanguarda e contemporâneo: romance, novela, conto, crônica, ensaio, poema, poema em prosa, romance psicológico e romance policial.

Prof. Daniel Abrão

Propósito

Compreender as concepções e transformações dos gêneros literários para uma reflexão sobre as diferentes fases da literatura ao longo da história.

Objetivos

- Identificar a concepção aristotélica de gênero literário.
- Distinguir as características dos gêneros épico, lírico e dramático.
- Descrever a problemática dos gêneros literários, da visão romântica à contemporaneidade.

Introdução

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
(Fernando Pessoa)

A literatura é conhecida atualmente por conter textos denominados ficcionais ou imaginativos. Em linhas gerais, textos criados a partir de realidades inventadas, mas devemos saber que nem sempre foi assim.

Quando assistimos a um filme, a uma novela, a documentários, entre outros, devemos ter em mente que tudo partiu de um texto escrito, na maioria das vezes, um texto oriundo de um gênero literário, com suas marcas específicas.

Nem sempre os textos literários se referem a realidades inventadas, mas são representações, cada obra feita à sua maneira, de traços do que chamamos real ou, ainda, perspectivas de estados de espírito, o que chamamos de representações da subjetividade (o chamado Eu interior).

Você sabe como surgiu a expressão literatura?

A expressão literatura é oriunda do século XVIII, criada para dar conta de uma série de textos que se diferenciavam dos textos religiosos, da filosofia, da história, bem como de outras áreas desenvolvidas até aquele momento.

Esses textos, hoje chamados de literários, anteriormente eram conhecidos como “belas letras”, justamente pelos recursos estilísticos que compunham uma escrita recheada de recursos linguísticos que se diferenciavam da linguagem objetiva da comunicação oral e escrita.

O que são gêneros literários?

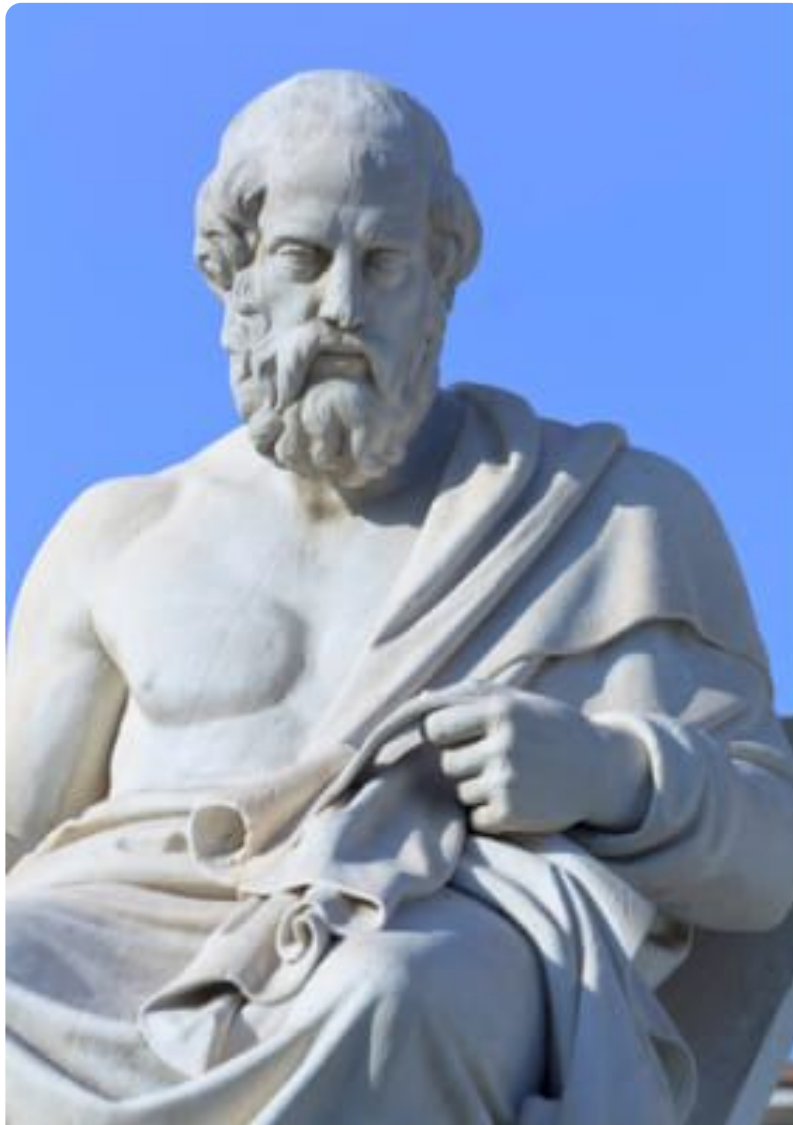
São considerados gêneros literários certos textos que possuem características em comum, isto é, aqueles que são compostos tendo como base a repetição ou constância de elementos análogos na forma e no conteúdo, segundo critérios estabelecidos, como:

1. A estrutura de composição;
2. A parte semântica – construção de significados ou sentidos de um texto;
3. O contexto de leitura ou interlocução.

É exatamente do estudo dos gêneros literários, com suas origens, definições, características e problematizações, que vamos tratar neste tema.

Considerações preliminares sobre os gêneros literários

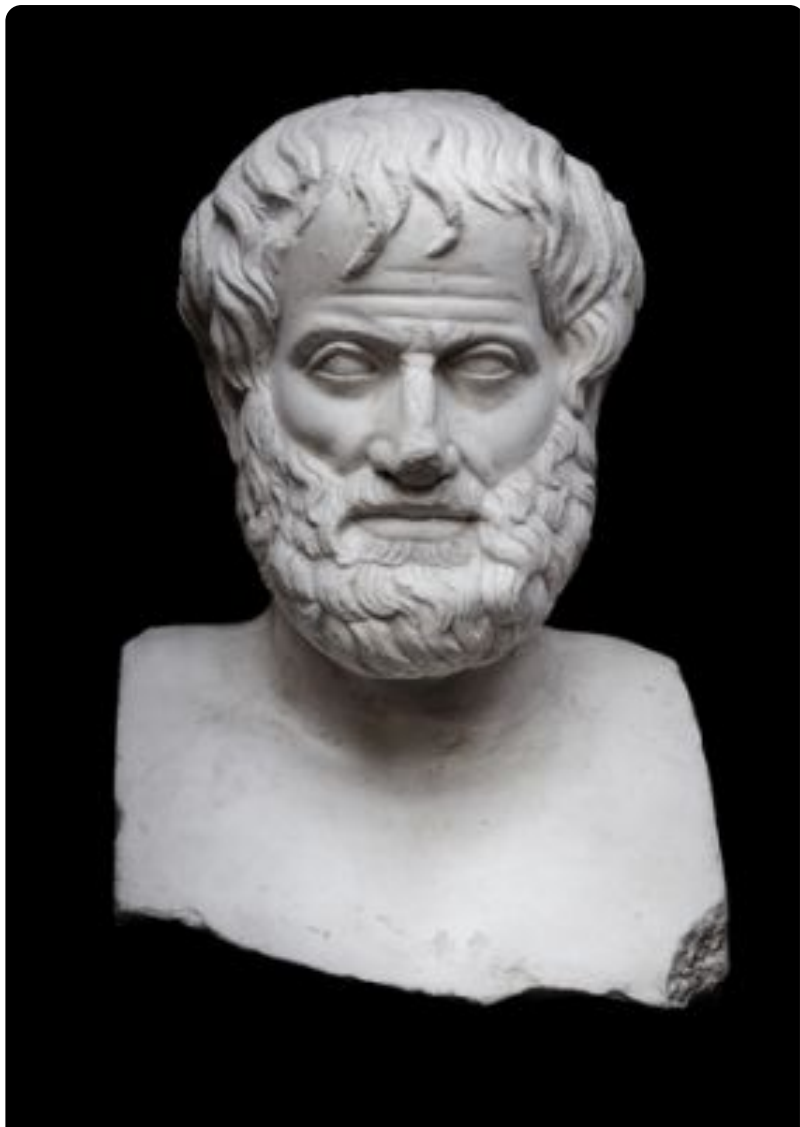
A divisão de gêneros literários aparece pela primeira vez no livro *A República*, de Platão.



Platão

Filósofo grego que nasceu em Atenas, por volta do ano 427 a.C., e morreu na mesma cidade, em 347 a.C.

Posteriormente, em *Poética*, de Aristóteles, que, observando a arte de seu período, estabeleceu a seguinte classificação: gêneros **épico**, **lírico** e **dramático**.



Aristóteles

Filósofo grego, discípulo de Platão, nascido em Estagira, em 384 a.C., e falecido em Atenas, em 322 a.C.

Gênero lírico

Ao longo da história, espalhou-se em subgêneros, como ode, hino, elegia, idílio, écloga, epitalâmio, sátira, entre outros.

Gênero dramático

Ao longo da história se subdividiu, como exemplo, em auto, comédia, tragédia, tragicomédia, farsa e drama.

Gênero épico

Ao longo da história sofreu modificações. Atualmente, sua matriz é muito usada nas sagas ficcionais, mas, em seus desdobramentos, podemos compará-lo às novas formas surgidas, como, por exemplo, o romance, a novela, o conto, a fábula, a crônica, o ensaio, entre outros.

Não podemos confundir **gênero literário** com **gênero textual**. Veja a seguir.

Gêneros literários

São formas de gêneros textuais, mas não se confundem, em definição, com eles.



Gêneros textuais

São compostos de textos diversos, não literários, como diário, notícia, artigo, e-mail, carta, ofício, resenha etc.

Os gêneros textuais, dessa forma, são inúmeros e criados constantemente, pois dependem das formas de circulação e interlocução, isto é, suas estruturas formais dependem dos agentes envolvidos na comunicação, bem como em suas funções no diálogo.

Outra confusão a ser evitada é não misturar gênero textual com tipo textual, pois os tipos textuais são: narração, descrição, dissertação (ou exposição), argumentação, informação e injunção.

Agora que já temos um panorama dos gêneros literários, vamos continuar estudando cada um deles, conhecer sua história, denominações e variações. Precisamos saber que a concepção de gêneros, ao longo da história, não é exatamente consensual. Veja duas visões distintas.

Visão substancialista

Há aqueles que defendem que toda produção chamada de literária deve pertencer a um gênero já preestabelecido ou, pelo menos, fazer referência a esse gênero. Isso representa o que chamamos de visão substancialista da literatura, ou seja, uma visão que delimita a identidade da literatura e dos gêneros por meio de certos critérios fixos.



Visão relativa

Outra parte concebe a questão dos gêneros (e da própria identidade da literatura) como relativa, não vendo necessidade de abordar autores e suas obras por intermédio do pertencimento aos gêneros, pois se considerava que cada obra deveria ser analisada por ela mesma, dentro de suas particularidades, como foi o caso do teórico Benedetto Croce (filósofo, crítico literário e historiador italiano. Escreveu sobre linguística, estética, história da arte, entre outros temas).

Croce não via a concepção de gênero como absoluta ou pura, apenas pensava que tais concepções poderiam ser úteis para entender a história da literatura. Essa questão nos leva a lembrar uma pergunta muito importante:



Haveria, com o aparecimento de obras que não apresentassem elementos já previstos pelas teorias existentes, o nascimento de novo gênero ou a divisão tripartida (gênero lírico, épico e dramático) daria conta de todos os textos literários?

—

(SOARES, 2000)

A poética de Aristóteles

O livro *Poética*, de Aristóteles, representa um marco fundamental no estudo da literatura. É nesta obra que se encontra a definição dos gêneros, validada ou discutida até os dias de hoje. Há uma guinada muito importante na compreensão dos textos poéticos (textos aos quais denominamos hoje **literatura**), principalmente em relação às concepções de Platão.

Platão, em *A República*, livro X, imagina a arte (e a literatura) como possuindo uma **função**. Portanto, a existência da literatura não se daria nem se justificaria por si mesma, mas por sua função exercida na sociedade – função relacionada à construção de um ideal de beleza e de verdade. Para Platão, a literatura, como qualquer arte ou filosofia, deveria dizer a verdade ideal das coisas.



Saiba mais

Essa concepção de ideal platônico, de verdade ideal, elevada, quase inatingível, por sua vez, já se transformou em expressão comum, quando queremos dizer que alguém ama idealmente, ou seja, possui um amor platônico.

Poesia, poética, lírica, literatura

Nas traduções para a língua portuguesa do livro de Aristóteles, temos a palavra poética ou arte poética, mas não podemos confundir o termo com seu uso atual. Afinal, Aristóteles pensou nas atividades humanas com base em três dimensões:

Teoria

Busca do conhecimento verdadeiro.

Práxis

Prática, ou seja, ação destinada à resolução de problemas.

Poiesis (Poética)

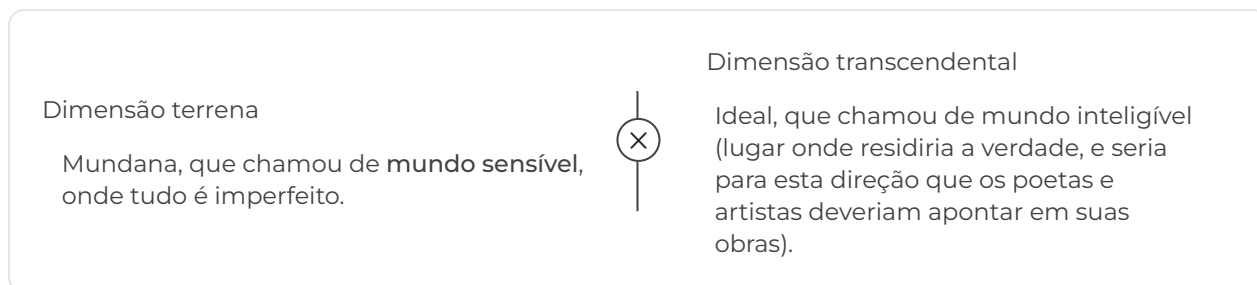
Atividade de criação impulsionada pela imaginação e pelos sentimentos.

Poiesis ou poética é o ato de criar, fazer algo, e está associado etimologicamente ao verbo *poien*, que significa construir. Hoje, a derivação do sufixo nos levaria, erroneamente, a traduzir poética por poesia (que também chamamos de lírica), mas não é bem assim.

Por poética, Aristóteles quer dizer arte, arte poética, e é o que traduziríamos atualmente por literatura, já que a literatura é uma das artes. É dentro da poética, pois, que se encontram os três gêneros por ele definidos: dramático, épico (ou epopeia) e lírico.

Atualmente, a Teoria da Literatura fala em poesia como gênero, bem como em poesia lírica, quando há um eu lírico (a voz que se manifesta no poema) presente no poema, como fruto da manifestação das emoções e dos sentimentos do poeta. Vamos seguindo com Platão!

O filósofo imagina duas dimensões:



Como os artistas preferiram construir obras que não faziam justiça às suas concepções de verdade, Platão propõe, para que a cidade (*Polis*) seja perfeita, que ocorra a expulsão de todos os poetas e pintores, já que eles “não diziam a verdade” e, como consequência, corrompiam a juventude ateniense.

Esta é uma concepção de arte que vigorou e vigora em muitos âmbitos ao longo da história, pois é uma arte e uma literatura que deve ser pedagógica, que deve ensinar e que só deve existir como veículo de ensinamento.



Exemplo

As histórias infantis e os contos de fadas, criados pelo escritor e poeta francês Charles Perrault (1628-1703), autor de Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, Barba Azul, O Pequeno Polegar, A Bela Adormecida, Cinderela, entre outras narrativas clássicas e muito difundidas.

Tais narrativas se adequavam aos valores da classe burguesa surgida naquele momento e possuíam o valor pedagógico de ensinamento de valores, comportamentos e ações por meio de uma exemplaridade de condutas presente nas representações inscritas nas obras.

Deixemos Platão, por hora, e retornemos ao livro *Poética*, de Aristóteles.



O filósofo estagirita realiza uma grande guinada na concepção do poético, pois concebe a literatura como existente em si mesma, ou seja, tem valor não a partir de uma adequação a uma verdade externa, mas, pelo contrário, o valor do poético (da arte) estaria em uma “verdade interna”, uma coerência interna, que chamou de **verossimilhança**.

Mas qual é o conceito de verossimilhança?

Não é difícil imaginar, em nossas relações, o conceito de verossimilhança: quando assistimos a um filme, em muitos momentos, conhecemos a vida particular e as notícias sobre certos atores, bem como outros filmes que realizaram.



Sabemos, com certeza, que aquele ator está representando um papel, e que aquela identidade assumida na ficção nada mais é do que uma atuação. No entanto, isso não nos impede de nos emocionarmos, de termos reações como amor, ódio, medo, pavor etc. Este é o pacto ficcional, pois a obra nos pareceu verossímil ante às percepções e emoções.

É dessa forma que aceitamos cenas irreais, mas verossímeis, como, por exemplo, a imagem do Superman voando pelas cidades, pois sabemos que, internamente à obra, isso se explica. Afinal, o Superman veio do Planeta Krypton e possui superpoderes.

Diferentemente seria assistirmos a uma novela televisiva realista, em que alguma personagem, de repente, sai voando pelas cidades sem nenhuma “explicação” interna.

É assim, particularizando a arte poética, que Aristóteles começa seu livro:



Falemos da poesia – dela mesma e das suas espécies, da efetividade de cada uma delas, da composição que se deve dar aos mitos, se quisermos que o poema resulte perfeito, e, ainda, de quantos e quais os elementos de cada espécie e, semelhantemente, de tudo quanto pertence a esta indagação – começando, como é natural, pelas coisas primeiras.

(ARISTÓTELES, 1987, p.201)

Uma obra artística, pois, não deveria ser verdadeira, mas verossímil, isto é, semelhante a si mesma, o que lhe daria credibilidade enquanto é experienciada pelo expectador ou leitor.

É o que chamamos, hoje, na Teoria da Literatura, de pacto ficcional, que é exatamente quando uma obra (um filme, um romance, uma peça de teatro etc.) convence o leitor de que aquilo é “verdadeiro” ou plausível, mesmo que tenha consciência de que está diante de uma obra inventada, de uma ficção.

Voltemos a Aristóteles e sua concepção poética e dos gêneros literários.

O filósofo escreveu, entre outras, duas obras muito importantes até hoje para os tratados sobre linguagem e para quem estuda literatura: **Retórica** e **Poética**.

Retórica

Na primeira obra (*Retórica*) o filósofo fala sobre a oratória e a persuasão de um orador ao convencer seus ouvintes dos argumentos proferidos.

Poética

Na segunda obra (*Poética*), Aristóteles elabora uma profunda descrição de obras, tentando entender e responder perguntas como:

- Como são feitas as obras artísticas?
- Quais as partes constitutivas dessas obras?
- Quais os elementos constantes presentes em cada uma delas que nos permitiram agrupá-las em gêneros?

Para tanto, analisou as seguintes partes internas das obras: o **ritmo**, a **melodia** e o **metro**.

Na Grécia Antiga, a divisão entre as ciências e os saberes era muito diferente. Em relação à escrita, consideravam-se, primordialmente, quatro gêneros: a **poesia**, a **história**, a **filosofia** e a **retórica**.

É dentro da **poesia** (o que chamamos hoje de literatura) que estão incluídas as **narrativas (epopeias)**, a **lírica** e as **formas dramáticas**.



Atenção

A epopeia ou poema épico é feita em versos, mas não se confunde com a lírica, pois esta tem tom emotivo e intimista. Na Idade Moderna, quanto ao gênero épico, há uma substituição pela narrativa, pois é ela, na maioria das vezes, que ocupa o lugar em nossos tempos da narração de histórias sociais.

Basicamente, Aristóteles descreveu, a partir de uma visão não normativa (pois não criou regras para a arte, mas descreveu a arte como ela era composta), três gêneros poéticos (ou literários) distintos: a **epopeia**, a **lírica** e o **drama**.



Gêneros da escrita e gêneros literários na Grécia Antiga

Para o filósofo, as descrições levavam em conta as partes formais e constitutivas das obras, e o que o preocupava era saber as seguintes condições:

- Qual o **objeto** imitado?
- Qual o **modo** em que ocorre tal imitação?
- Por qual **meio** se dá essa imitação?

O conceito central dessa obra é o de **mimesis**. Aristóteles entendia que, na arte poética, tudo é imitação, ou da natureza ou das ações, como vemos no seguinte trecho:

Mimesis

Mimese ou mimesis vem da palavra grega μίμησις, que significa imitar. Não a imitação quando a entendemos como cópia exata, mas uma representação do real, do eu ou da natureza, a partir da forma como ela se apresenta, é percebida ou interpretada.



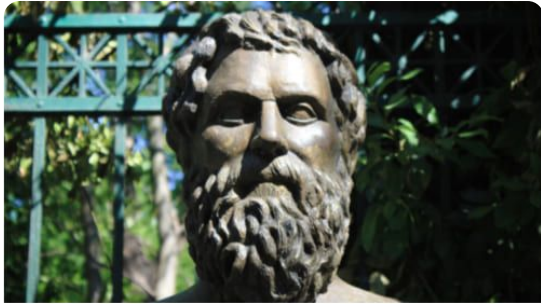
Ao que parece, duas causas, e ambas naturais, geraram a poesia. O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, ele é o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado.

(ARISTÓTELES, 1987, p. 203)

Se pensarmos bem, verificaremos a importância dessa observação, pois é compreendendo o ato de imitação/ representação que descobriremos as formas e os gêneros literários, assim como poderemos descobrir as questões de estilo, escola e demais elementos internos de cada obra. Afinal, como dizia Aristóteles, ao analisarmos a imitação, apreendemos o modo, os meios e o objeto da imitação.

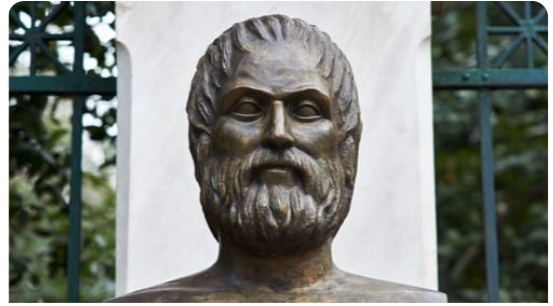
Mas como Aristóteles chegou à divisão dos gêneros?

Aristóteles analisou obras de autores como **Sófocles**, **Eurípides**, **Homero**, entre outros.



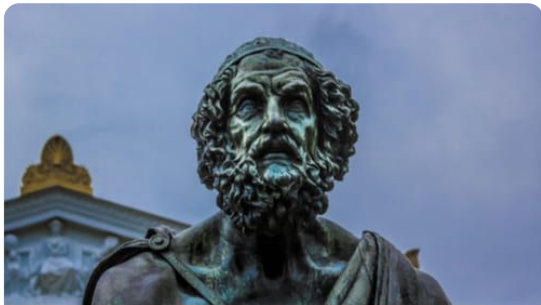
Sófocles (497 a.C.-406 a.C. aproximadamente)

Dramaturgo grego que se destacou por suas tragédias, como Édipo Rei, considerado o maior poeta trágico da Grécia Antiga.



Eurípides (480 a.C.-406 a.C.)

Poeta trágico grego conhecido por suas tragédias, como As Bacantes e Ifigênia e Aulis.



Homero (século IX ou VIII a.C.)

Poeta épico da Grécia Antiga a quem se atribui a autoria das obras Ilíada e Odisseia.

O livro *Poética* concentra seu estudo na epopeia e, principalmente, na tragédia.

Quanto às comparações entre **tragédia** e **comédia**, podemos afirmar que:

Tragédia

Imita o que ele chama de **homens superiores**.



Comédia

Imita os **homens inferiores**.

De fato, a distinção entre inferiores e superiores era analisada pelas questões morais de vício e virtude. Aristóteles definia os virtuosos como “melhores do que nós” e os afeitos ao vício como “piores do que nós”, ou, ainda, homens de grande valor *versus* homens comuns. Sabemos, hoje, que a distinção se referia a homens da nobreza e homens do povo, segundo os valores da época e retratados por Aristóteles segundo os próprios valores. Nesse sentido:

- A **tragédia** possuía a matéria semelhante à epopeia quanto ao modo de imitação, pois ambas se voltavam para as representações de feitos heroicos. Entretanto, quanto ao gênero, a tragédia se diferenciava da epopeia, pois se servia da ação (das personagens), e não era narrada.

- Já a **comédia** e a **poesia satírica** se pareciam, pois procuravam ridicularizar as pessoas e os acontecimentos.

Aristóteles considerava a tragédia uma imitação elevada e completa, dotada de extensão, que, pela compaixão e pelo temor, provocava a purificação das paixões por meio do que chama de **catarse**.

Em suma, podemos listar as seguintes questões sobre a divisão de gêneros elaborada por Aristóteles:

Catarse

Do grego *kátharsis*, que significa “purificação”. Aristóteles usava esse termo para se referir aos efeitos da tragédia, quando o espectador vivenciava fortes emoções como piedade, terror, medo, desespero e compaixão. A catarse seria a finalidade da tragédia grega.

1. Todos os gêneros são realizados pela imitação (*mimesis*).
2. O **objeto**, o **meio** e o **modo** das imitações devem ser observados.

Veja um pouco mais sobre eles a seguir.

Objeto

No gênero dramático, a tragédia imita os homens superiores (melhores do que nós), e a comédia imita os homens inferiores.

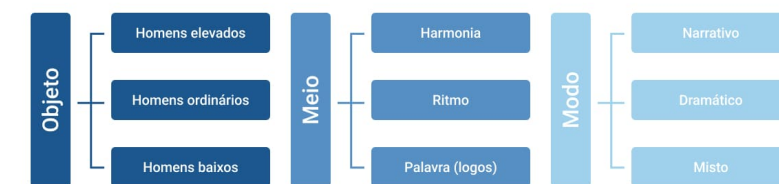
Meio

A lírica (ditirambos - forma de lírica coral arcaica, cantos em louvor ao deus Dioniso) se utiliza do ritmo, da melodia e do verso simultaneamente. Já o gênero dramático se utiliza desses elementos alternadamente.

Modo

A epopeia realiza a mimesis pelo narrado, o dramático, pelas ações das personagens (as personagens é que falam), e o lírico fala em nome de um Eu ou assume personalidades.

Resumindo:



Critérios aristotélicos na divisão dos gêneros literários

Os critérios de Aristóteles na definição dos gêneros literários

Neste vídeo, o professor Daniel Abrão fala sobre os critérios de Aristóteles na definição dos gêneros literários.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Poesia x história

Já vimos que, na Grécia Antiga, havia a distinção entre gêneros da escrita (história, filosofia, retórica e poesia), e que a poesia era um deles.

Mas, ao estudar os gêneros literários, uma famosa ideia que nos chegou até hoje, presente no livro *Poética*, torna ainda mais importante a leitura do livro e a própria figura de Aristóteles, quando consideramos seu legado para a teoria literária atual.

Trata-se da ideia de valorização do gênero literário como um dos saberes necessários para a humanidade.

Isso só foi possível porque Aristóteles não percebia o poético como via de acesso a outros saberes, como veículo de transmissão de verdades, mas entendia o texto poético e seus gêneros (lírico, dramático ou épico) por meio deles mesmos, analisando suas estruturas internas de composição.

Tal distinção foi fundamental para uma ruptura em relação à concepção platônica que, de certo modo, excluía o texto poético de uma importância social.

Atividade discursiva

O que Aristóteles defendia em seu livro *Poética*?

Chave de resposta

Na *Poética* de Aristóteles, é defendido que a função do poeta seria, ao contrário do historiador, contar o que poderia acontecer, e não o que aconteceu. Aristóteles pensava, pois, que a poética é mais filosófica e tem um caráter mais elevado do que a história, pois expressaria o universal, enquanto a história expressaria o particular.

Atualmente, com o desenvolvimento da filosofia ou da história, muitos teóricos chegaram a conclusões aproximadas, não exatamente entendendo que a literatura é melhor do que outros saberes ou outras ciências, mas, diferentemente, valorizando-a como um saber relevante. Veja a seguir.

Na História

No tocante à História, por exemplo, há o questionamento por esta conter elementos de uma subjetividade, um viés teórico ou mesmo ser composta pela perspectiva de particularismos ideológicos. Portanto, um livro de História não carregaria, em si, uma verdade absoluta, mas sim uma perspectiva sobre essa verdade.

Na Filosofia

Sobre a Filosofia, muitos já estudaram como esta incorpora elementos de discursos e recursos estilísticos literários em uma estética muito próxima do que chamamos de literatura.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

O conceito de gênero literário



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Visão substancialista e visão relativa dos gêneros literários



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Assinale a alternativa que descreve, adequadamente, a divisão dos gêneros literários (ou poéticos), segundo a *Poética* de Aristóteles:

A

São três os gêneros poéticos – meio, modo e objeto.

B

Os gêneros poéticos podem ser divididos em tragédia, comédia e drama.

C

Aristóteles dividiu os gêneros poéticos em três – dramático (teatro), épico (narrativo) e lírico (ditirambos).

D

No livro *Arte Poética*, de Aristóteles, há uma clara divisão entre os gêneros poéticos, hoje chamados de gêneros literários – verdade, verossimilhança e engano.

E

Aristóteles dividiu os gêneros literários em prosa, poesia e ficção.



A alternativa C está correta.

Aristóteles dividiu os gêneros poéticos em três – epopeia (o que chamamos hoje de narrativa), lírico (poesia) e dramático (texto teatral). Essa divisão serve de base até hoje para a Teoria da Literatura.

Questão 2

(Adaptado de: Instituto Excelência – Professor de Língua Inglesa –2016)

Leia os fragmentos de texto a seguir:

TEXTO I

“Eu, que desde os dez anos de idade faço versos; eu, que tantas vezes sentira a poesia passar em mim como uma corrente elétrica e afluir aos meus olhos sob a forma de misteriosas lágrimas de alegria: não soube no momento forjar já não digo uma definição racional dessas que, segundo regra a lógica, devem convir a todo o definido e só ao definido, mas uma definição puramente empírica, artística, literária.”

(Manuel Bandeira)

TEXTO II

Memória
Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.
(Carlos Drummond de Andrade)

TEXTO III

Ouvir estrelas
Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
[...]
(Olavo Bilac)

Os gêneros literários reúnem um conjunto de obras que apresentam características análogas de forma e conteúdo. Essa classificação pode ser feita de acordo com vários critérios. Eles se dividem em três categorias básicas: gêneros épico, lírico e dramático. Conforme a classificação encontrada em Aristóteles, os textos II e III devem ser considerados:

A

Épicos.

B

Líricos.

C

Dramáticos.

D

Narrativos.

E

Ficcionais.



A alternativa B está correta.

Os textos II e III devem ser definidos como líricos em função de características como ritmo, melodia, organização na forma de versos, além da implicação de um Eu poético ou lírico.

Gênero épico

Vamos pensar juntos: não seria nada provável que o desenvolvimento das obras, entre tantos autores com pensamentos diferentes, ao longo da história, ocorresse por meio de regras restritas de pertencimento aos gêneros.

Por isso, quando estudamos a constituição dos gêneros épico, lírico e dramático, também estudamos suas transformações e nomeações pelas quais passaram entre tantas produções mundiais.

Staiger (1977) defendeu que não haveria possibilidade de existir obras puras, isto é, puramente pertencentes a um gênero (lírico, épico ou dramático). O teórico e escritor suíço entendia que essa impureza, própria da composição, seria responsável pela diversidade das formas literárias em suas transformações históricas.

O gênero épico, também chamado em muitos contextos de “épica” e “epopeia”, foi definido, primeiramente, por Aristóteles, mas suas variações são muito diversas, ramificadas e, atualmente, sobretudo, híbridas, isto é, misturadas a outros gêneros literários.

Antes de Aristóteles e fora do mundo grego, houve a descoberta da *Epopéia de Gilgamesh*, datada de mais de 2.000 anos a.C.:

Encontrada na Biblioteca de Nínive, inscrita na pedra, esta é, talvez, a obra literária mais antiga de que temos notícia.

Trata-se de um poema épico mesopotâmico, composto em versos, distribuído em 12 cantos, que conta a história de Gilgamesh, um rei sumério fundador da cidade de Uruk.

As epopeias gregas em muito se parecem com essa obra, e há estudos comparativos dessa obra com os textos bíblicos, já que, na *Epopéia de Gilgamesh*, há uma narrativa do dilúvio muito próxima da narrativa bíblica.



Tabuinha V da Epopeia de Gilgamesh.

Hoje, quando falamos de **gênero narrativo** (ou, como é mais comum, **prosa**), estamos tratando de uma ramificação distante da épica, mas não há um parentesco exato, apenas um correspondente do que foi a épica na Antiguidade.

Suas variações passam pela prosa (romances, novelas), poesia (épica ou narrativa) e pelo teatro, como foi o caso do estudo que Aristóteles, em seu livro *Poética*, realizou sobre as obras teatrais de Ésquilo, Eurípedes e Sófocles.



Atenção

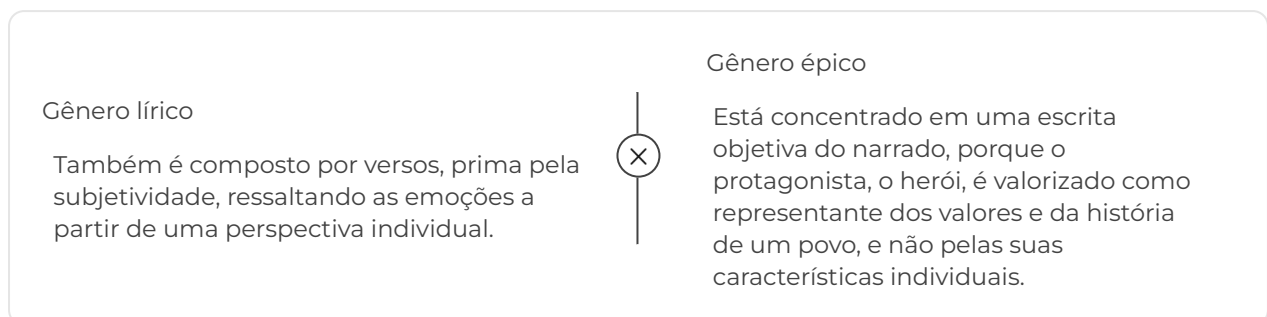
Existe épica na narrativa (prosa), na poesia e no teatro. Um exemplo é a própria Odisseia, que é uma narração estruturada em versos.

Em um primeiro momento, a épica realiza a narração, em forma de versos (poema épico) geralmente em terceira pessoa, de ações guerreiras desenvolvidas por heróis representativos de certa cultura ou de certo povo. Havia a presença, além dos heróis, de elementos da cultura mitológica da Grécia e, posteriormente, de Roma.

A *Ilíada* e a *Odisseia*, de autoria atribuída a Homero, são os grandes modelos clássicos estudados por Aristóteles e que influenciaram outras obras ao longo da história. Como exemplo também temos:

- *Eneida*, de Virgílio — em Roma;
- *Paraíso Perdido*, de Milton — na Inglaterra;
- *Os Lusíadas*, de Camões — em Portugal;
- *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e *O Uruguai*, de Basílio da Gama — duas grandes obras de referência no Brasil.

Veja a seguir como são compostos os gêneros lírico e épico:



Assim, no gênero épico, o escritor procura imputar ao herói algumas qualidades que, justamente, são qualidades heroicas esperadas de um povo ou de uma nação.

É exatamente por isso que as epopeias são geralmente extensas, e os protagonistas realizam tarefas extremas e difíceis, atravessam vários fatos históricos reais relativos a cada povo, pois possuem interesse coletivo, social ou nacional.

Veja o que defende o professor Massaud Moisés (2002)

O professor Massaud Moisés (2002) defende que a epopeia é a tentativa do poeta de realizar uma obra que represente uma visão geral do cosmos, isto é, uma obra totalizante das experiências humanas, divinas e cósmicas, como se fosse uma obra total. Esse projeto é mais do que simplesmente refletir a história gloriosa de um povo, por meio de feitos exemplares de um herói em uma trajetória densa de desafios, mas a utilização desses feitos para gerar uma visão maior sobre a totalidade das coisas, algo muito parecido com o trabalho do filósofo em sua busca pelas verdades universais.

Estruturalmente, a epopeia costuma se dividir em cantos (conjuntos de estrofes) ou livros, e possui os seguintes elementos narrativos:

- Narrador;
- Narratário — aquele para quem se conta a história;
- Personagens;
- Tema;
- Enredo;
- Espaço;
- Tempo — eventos históricos passados.

Como afirmamos, a epopeia pode se apresentar em forma de prosa, como nas **canções de gesta** medievais, ou, ainda, em verso, como no livro de Camões, *Os Lusíadas*. Na forma padrão, constitui-se das seguintes partes:

Canções de gesta

Composições com características épicas que se desenvolveram na França entre o século XI e o século XII, tematizando feitos históricos, guerras e lendas.

1

Proposição ou introdução

Momento em que se apresenta o tema geral e o herói.

2

Invocação

O herói em sua dificuldade pede auxílio aos deuses, assim como inspiração para o que enfrentará.

3

Dedicatória

A maioria das epopeias é dedicada a alguém.

4

Narração

Quase sempre dividida em complicação e solução.

5

Remate, epílogo ou desfecho

Conclusão da obra.

Ainda na questão da estrutura, a epopeia utiliza versos com metro **regular**, ou seja, versos que possuem a mesma quantidade de sílabas. Isso tem a ver com a característica do narrador, que deve se manter inalterado quanto ao ânimo, já que se trata, como já afirmamos, de uma narração objetiva, e não subjetivista.

Essa regularidade dos versos dá a impressão de impassibilidade, como se a história fosse autônoma, independente da posição do narrador. Sabemos que são recursos retóricos, que dão verossimilhança ao texto, acentuando o caráter social e até universal do que está sendo narrado.

O tom de uma epopeia é solene, grandiloquente, pois é uma narrativa de heróis, com fundo mitológico, que representa a exemplaridade de alguém que deve servir de modelo ao povo, já que conta histórias de grandes dificuldades passadas, as quais necessitam de coragem e ímpeto.

As epopeias mais antigas, como as gregas, escolhiam o metro denominado hexâmetro, constituído de seis tempos, composto de sílabas breves e longas. Já as epopeias mais “recentes”, principalmente oriundas do mundo latino, como as de língua portuguesa, escolhiam o verso decassílabo (com 10 sílabas poéticas).



O importante, nesse caso, não era exatamente obedecer a uma regra única do metro, mas sim à regularidade e à adequação ao tom solene da epopeia, porque os poetas escolhiam o metro e os ritmos de acordo com os efeitos de sentido que desejavam produzir nos leitores ou espectadores.

Veja a seguir.

Comédias

Nas comédias usavam-se versos mais curtos, que se assemelhavam à fala, dando a impressão de leveza, jocosidade, espontaneidade, já que se tratava de uma obra voltada ao riso, à crítica e à representação do que Aristóteles chamava de homens comuns ou ordinários.

Epopeia

Já na epopeia, como o tom é solene, os poetas escolhiam versos mais longos, distantes do uso da língua comum na oralidade.

Características da épica

Neste vídeo, o professor Daniel Abrão fala sobre os critérios de Aristóteles na definição dos gêneros literários.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Gênero lírico



Um instante
Aqui me tenho
Como não me conheçom
em me quissem começom
fimaqui me tenho
em mimnada lembronem
se à luz presentesou
apenas um bichotransparente.

—
GULLAR, 1999, p. 82.

Para falar sobre o gênero lírico, abrimos este tópico com um poema de Ferreira Gullar: *Um instante*.

O poema é um exemplo de lirismo, pois o poeta mostra um “eu”, o chamado eu lírico, que expõe os sentimentos mais individualizados, sem distanciamento entre o que está “cantando” e as próprias emoções subjetivas.

O poema ainda nos dá a impressão de fluxo temporal interrompido, “um instante”, momento em que o mundo, no poema, parece parar para dar lugar somente às impressões do poeta. Tudo se volta para a consciência individual. Mesmo que essa consciência seja um reflexo do mundo ao redor, há uma espécie de esquecimento de tudo em função do instante poético. Mas você deve estar se perguntando:

A épica, ou poema épico, também era feita em versos. Então, pertenceria ao gênero lírico?

Vamos por partes!

A lírica nasceu na Antiguidade. Era um tipo de composição que vinha sempre acompanhada por uma flauta ou uma lira (daí o nome lírica). Mas, ao contrário da épica, que também era feita em versos e demonstrava uma visão coletiva, a lírica era marcada pela musicalidade e cantava as emoções e os sentimentos individuais. Era, portanto, a exposição da subjetividade.

Atualmente, o que chamamos de “poesia” se aproxima muito da lírica, mas, como veremos no módulo 3, existe poesia não lírica, poesia objetivista, poesia com imagens (caligramas), poesia concreta etc.

Um dos poetas brasileiros marcados pela poesia objetivista (não emotiva), considerada seca, contida, cerebral e racional, é João Cabral de Melo Neto (1920-1999).



Mulher tocando lira (1913). O estilo da fotografia remete à Antiguidade Clássica



Atenção

Existe lírica na poesia, mas também existe lirismo no gênero dramático e no teatro. O que marca o lirismo não é somente o fato de ser feito em versos, mas, sobretudo, o fato de que há uma exposição das emoções individuais. Existe a poesia (que vai além do lirismo), e a poesia lírica, que possui o tom intimista e emotivo.

Ao passar para a Idade Média e a modernidade, a lírica carregaria mudanças nas formas, mas manteria aspectos de sua origem:

- A presença da emoção individualizada;
- A rima e o ritmo;
- A aproximação entre música e palavra (som e sentido);
- A repetição de estrofes, sílabas e palavras;
- O uso constante das imagens como recurso de composição de sentido.

Na maioria das vezes, o gênero lírico se expressa em forma de versos, mas não podemos esquecer que uma escrita lírica ou subjetiva também é encontrada na prosa romântica ou em narrativas melodramáticas.

Algumas marcas são muito comuns no gênero lírico. São elas:

Capacidade de síntese

Os poemas carregam grande potência de aproximar discursos distantes em poucas palavras, já que utilizam imagens, elisões (supressões), sugestão de impressões e aproximações sutis de significados, que realizam uma economia de linguagem.

Polissemia (muitos sentidos)

A linguagem poética costuma gerar muitos sentidos. Portanto, não haveria um sentido verdadeiro para o poema, mas possibilidades de leitura, que decorrem do uso de figuras de linguagem (variados tipos de metáforas) e da exploração de ambiguidades e sentidos abertos presentes nos textos. Essa característica foi acentuada após o romantismo.

Aproximação entre o Eu Lírico e o objeto ao qual se refere

Na aproximação entre o Eu Lírico e o objeto ao qual se refere há uma mútua projeção ou fusão entre o eu e o objeto referido, como se o mundo fosse produto das emoções expressadas.

Porém, é preciso atenção: é comum uma voz confessional (confissão, intimismo) no poema lírico. Esse fato torna muito tênue a fronteira entre o eu lírico e o eu biográfico, mas é importante sempre entender o eu lírico como uma construção retórica do autor. Portanto, não é exatamente a voz da identidade biográfica daquele que escreve.

É preciso observar em cada poema se o “eu” gramatical exposto não é apenas uma convenção, como no classicismo, também muito comum na escola árcade brasileira.



Saiba mais

Classicismo: a marca do espírito clássico, desde a Antiguidade, é a universalidade e o equilíbrio, a harmonia ou o que chamavam de “temperança”, o que nada mais é do que o distanciamento emotivo em relação aos fatos ou às situações narradas. Assim, o poeta clássico pode falar por meio de um eu, em primeira pessoa, mas esse “eu” não passará de uma convenção que representa o eu coletivo, o eu universal. Como exemplo, estariam os poetas árcades brasileiros, que se referiam a si mesmos, em primeira pessoa, como pastores (o que era uma convenção clássica presente na Antiguidade), e que se dirigiam à mulher amada como representante das musas, isto é, uma imagem da “mulher universal”.

Hoje, é muito comum o gênero lírico se expressar por versos brancos (sem rima) ou livres (sem métrica fixa), fato que se acentuou após o romantismo, que buscava a liberdade das formas.

Porém, desde a Antiguidade, o lirismo se fez presente, na maioria das vezes, em formas fixas, isto é, estruturas formais acabadas, predefinidas e prontas, que seguem as mesmas regras quanto à quantidade de versos, estrofes, posição dos refrãos e esquemas de rimas.

Algumas das formas fixas mais comuns do gênero lírico são:

Soneto

É originário do século XIII, na Itália, muito próximo dos chamados poetas provençais. Ele é costumeiramente atribuído ao poeta siciliano Jacopo Notaro, que criou uma letra escrita para a música com uma oitava (estrofe de oito versos) e dois tercetos (duas estrofes de três versos).

Posteriormente, o poeta italiano Petrarca (1304-1374) popularizou uma estrutura que ficaria mais estável no ocidente, com os esquemas de dois quartetos (estrofes com quatro versos) e dois tercetos (estrofes com três versos), com os esquemas de rimas: abba abba cdc dcd e abba abba cde cde.

Elegia

Começa na Grécia, abrangendo os mais variados assuntos, com foco nos epitáfios para túmulos, mas também foi utilizada para assuntos satíricos ou eróticos em versos romanos, justamente por possuir um formato útil para efeitos retóricos. Na modernidade, a elegia é mais usada para a lamentação ou reflexão sobre a morte de alguém, convidando os ouvintes a suportar as adversidades provocadas pelas infelicidades.

Rondó

É composto, na maioria das vezes, de 13 versos distribuídos em 13 estrofes e divididos em duas quadras (estrofe de quatro versos) e uma quintilha (estrofe de cinco versos). Foi criado na França medieval e possui variações quanto à forma, já que há o rondó francês, o rondó dobrado e o rondó português, todos com variações formais.

Ode

É um poema de origem grega, primeiramente acompanhado de música, feito com versos simétricos e utilizado para a exaltação de algo ou alguém. A palavra “ode” vem do grego e significa “canto”. Posteriormente, ganhou novos formatos, mas sempre com a qualidade e finalidade de exaltação.

Epitalâmia

É um poema feito para a noite nupcial de um casal, que vem acompanhado de cantigas e possui o tom solene de elogio. Na Grécia Antiga, vinha acompanhado de cantos que invocavam os deuses, com a finalidade de trazer felicidade aos recém-casados. Foi cultivado por poetas como Safo e Catulo, entre outros.

Balada

Tem sua origem na cultura germânica, no período medieval. Possui forma narrativa e se desenvolve como uma história, com começo, meio e fim. Geralmente, possui tom melancólico, mas, às vezes, fantástico ou sobrenatural. Foi bastante cultivada no romantismo europeu e no parnasianismo brasileiro. Sua forma fixa, com algumas variações, é composta de três oitavas (estrofes de oito versos) e uma quadra (estrofe de quatro versos).

Há, ainda, outras formas fixas: hino, sátira, écloga, idílio, trova, sextina, madrigal, haicai, entre outras, que, no desenvolvimento histórico e na passagem entre as culturas, possuíam algumas variações e adaptações.

Mas o que devemos saber para o estudo de gêneros literários que nos interessa aqui diz respeito aos modelos que deveriam ser seguidos. Em muitos casos, como no classicismo, esses modelos se transformaram nas únicas formas aceitas como pertencentes ao trabalho poético, não havendo possibilidades de incursões fora deles.

Gênero dramático

Parece que, agora, as definições começaram a fazer sentido. Sabemos que os gêneros são modalidades literárias diferentes, porém, em suas variações históricas, sofrem aproximações e misturas. Em outras palavras, suas fronteiras se alargam, e há confluência entre eles, ocorrendo, com o passar do tempo, nomeações diferenciadas que devemos observar com cuidado.

O gênero dramático foi, pela primeira vez, definido no livro III da *República*, de Platão, e foi considerado por

ele como uma poética mimética ou dramática.

Na *Poética*, de Aristóteles, o gênero ganhou destaque, até porque, como vimos, foi um dos objetos mais estudados pelo autor, notadamente na observação de peças teatrais de Sófocles, Ésquilo, entre outros.

O drama, o gênero dramático, do ponto de vista de sua origem linguística, significa ação.

Os textos das peças teatrais poderiam ser escritos em forma de versos ou não, mas, pelo fato de serem constituídos em versos, não significa exatamente que pertencem ao gênero lírico, a não ser que o tom seja subjetivista, intimista, confessional, como em algumas peças modernas, o que não é o caso do contexto de origem.

São textos escritos com o objetivo de serem encenados, pois se apresentam como imitação de ações por meio de personagens, dispensando a presença de um narrador. Como ação de personagens, possui um texto base, bem como as técnicas de representação desempenhada pelos atores.



Dioniso e membros de seu thiasos.

Quanto ao nascimento do gênero, sua origem está relacionada aos rituais religiosos na Grécia Antiga, como homenagem ao deus Dioniso (Baco, no mundo romano), que representa a fertilidade, a alegria, a elucubração ou a festa.

Primeiramente, as peças teatrais eram espetáculos públicos que envolviam corais, cantos, danças, máscaras, procissões, e também, costumeiramente, a embriaguez. Os temas passavam pela lembrança de heróis, tipos conhecidos ou feitos e acontecimentos marcantes da história.

O texto teatral aparece em forma de diálogos e se divide em partes, chamadas de atos ou cenas, com a presença de indicações espaciais e temporais sobre a história contada.

Geralmente, a sequência da ação dramática possui exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho. No contexto antigo, há:



Um protagonista

Personagem central.



Um antagonista

Que se opõe ao protagonista.



Um coro

Formado por vários atores que comentam a ação em forma de canto.

À diferença do romance, a ação dramática exige que toda a compreensão do texto ocorra na presença da cena e dos atores. Há uma economia de personagens, incidentes e situações, pois são eliminados episódios paralelos, e a ação fica concentrada no conflito central.

Portanto, no gênero dramático, as personagens atuam diretamente, exigindo a presença física humana.

Com relação à compreensão do texto, o público é bem diferente:

No romance

É formado por um leitor, que lê a obra segundo condições particulares.

No teatro

É formado pelo espectador, que está presente em um espaço juntamente com outras pessoas e presencia toda a ação ao mesmo tempo, de forma coletiva.

Essa observação sobre as condições de interlocução do gênero dramático é especialmente significativa para pensar na estrutura do gênero, pois a assistência coletiva impõe uma adaptação do texto a um contexto coletivo.

O teórico Emil Staiger (1977) defende que a tensão é a essência do gênero dramático, pois a atenção do espectador precisa ser plena e nunca desviada. Nesse sentido, a tensão teria de ser composta por um *phatos* (um sentimento exacerbado, uma paixão grandiosa formada pelo prazer ou pela dor) e o problema (a dificuldade a ser resolvida no enredo).

A existência de uma grande tensão somada a um grande problema seria, portanto, os vértices estruturais e temáticos das obras teatrais, já que ficam somados o “querer resolver” e o “questionar do problema”, unindo a tensão de um presente para a projeção ao futuro no desfecho da peça.

Dois grandes modelos estão presentes no teatro: **a tragédia** e a **comédia**.

Na tragédia

O tom é sério, solene, com linguagem mais formal, em que o protagonista enfrenta grandes desafios, pois a ação começa em um estado feliz e termina de forma fatal, geralmente com a presença de forças divinas que impelem as personagens ao destino trágico.



Exemplo

As peças Édipo Rei, Antígona ou Electra, de Sófocles.

A tragédia (do grego *tragos* = bode + *oide* = canto) surgiu no século V a.C., a partir dos ditirambos, e, primeiramente, era formada por um coro que usava máscaras.

Como Aristóteles conceitua a tragédia?

Aristóteles, como vimos, conceitua a tragédia como um tipo de mimesis de caráter completo e elevado, executada com a finalidade de suscitar piedade e compaixão pela catarse ou sublimação dessas emoções. As obras essenciais do gênero colocam em questão o *ethos* do protagonista (seu caráter) em confronto com seu destino (*dáimon*).

Aristóteles descreveu a tragédia em seis partes:

1. Enredo (*mythos*);
2. Caracteres (*ethe*);
3. Elocução (*lexis*);
4. Pensamento (*dianoia*);
5. Espetáculo (*opsis*);
6. Música (*melopoia*).

O filósofo acrescenta que, ao construir os textos, os autores deveriam observar, no desenrolar das ações, o problema, o reconhecimento (a passagem da ignorância para o conhecimento), a peripécia (que muda ou inverte a ação ou o esperado) e o clímax (o ápice do conflito), que conduz ao destino trágico marcado pela fatalidade.

Na comédia

O tom é cômico, ridículo, sarcástico, jocoso. As temáticas, ao contrário da grandiloquência da tragédia, são retiradas do cotidiano e da linguagem coloquial das pessoas comuns. Costumeiramente, o tom é de crítica aos costumes e vícios humanos.



Ao inverso da tragédia, do ponto de vista temático, começa com uma estrutura de complicação e termina com final feliz. É comum a presença da representação de estereótipos de identidades humanas, como “o mesquinho”, “o invejoso”, “o tirano” etc. Assim, toda a complexidade subjetiva implícita em uma cena trágica se esvai na ridicularização efetuada pela comédia.

Segundo Aristóteles, a comédia é a representação das pessoas ridículas ou mundanas, o que se explica pela origem etimológica da palavra, *komoidía*, que vem de *kômos* (aldeia), referindo-se ao fato de que os atores sem prestígio das comédias circulavam pelas aldeias, realizando suas encenações.

Estes são os gêneros em estado “puro”, mas, como já sabemos, existem as variações como:

A tragicomédia

É uma variação de um texto trágico com final feliz. Tito Plauto (230 a.c.-180 a.C.) foi o grande criador e influenciou, posteriormente, comédias de Shakespeare ou Molière.

A tragicomédia é uma mistura de gêneros e, no Renascimento, chegou a ser combatida por aqueles defensores do gênero puro, como no classicismo francês, que reivindicaria um teatro (e uma arte) que se orientasse pelas regras e convenções do teatro clássico, sem misturas entre os gêneros.

Alguns outros subtipos se formaram com o tempo: a comédia musical, a farsa, a *commedia dell'arte*, o melodrama, a pantomima, a performance, o teatro de marionetes, o teatro de máscaras, entre outros.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

O gênero lírico



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

O gênero dramático



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Assinale a alternativa que aponta a questão central que define o gênero lírico:

A

Todo texto escrito em forma de versos pertence ao gênero lírico.

B

O gênero lírico é composto por textos que se expressam por meio de emoções e sentimentos individuais, particulares, confessionais ou intimistas.

C

O texto teatral escrito em forma de versos pertence ao gênero lírico.

D

Gênero lírico é o mesmo que poesia.

E

O texto lírico se define pelo uso de rimas.



A alternativa B está correta.

O gênero lírico aparece todas as vezes em que há expressão de emoções individuais, subjetivas e intimistas, não sendo a representação de vozes coletivas, como na epopeia. Há lirismo, portanto, em textos em versos e em prosa também.

Questão 2

O gênero épico diferencia-se dos gêneros lírico e dramático. Assim, podemos afirmar que o gênero épico:

A

Corresponde exatamente a um gênero narrativo, em prosa, cujo pano de fundo temático é sempre a história de um povo.

B

É sempre feito para ser encenado em forma de tragédia, com textos escritos a partir de marcas subjetivas das personagens.

C

Está centrado em uma escrita objetiva (e não subjetiva, individual), pois é a representação de heróis que devem retratar as qualidades de um povo ou de uma nação.

D

É um gênero que Aristóteles dividiu em tragédia e comédia, caracterizado por diálogos que exaltam os feitos de um herói.

E

Corresponde a narrativas ficcionais centradas em personagens do cotidiano ou sem importância na comunidade.



A alternativa C está correta.

No gênero épico, sobressai a escrita objetiva sobre o que é narrado, já que o protagonista ou herói, em vez de ter louvadas suas características ou realizações meramente pessoais, é exaltado por representar ou reunir as marcas e atributos de seu povo ou de sua nação.

Problematizando o gênero literário

Agora, é a hora da síntese do que aprendemos. Junto com essa síntese, também faremos a problematização moderna e contemporânea dos conceitos e das descrições dos gêneros literários.

Afinal, já temos condições de realizar um panorama das concepções sobre a questão do gênero, assim como observar as mudanças nos próprios textos literários que vieram a abalar e problematizar a questão dos gêneros.

O que sabemos?

- Sabemos que, inicialmente, Platão e Aristóteles foram os grandes descritores dos gêneros, a partir de concepções advindas da filosofia e da história. Dentro do espírito clássico, que influenciaria gerações posteriores, imaginavam os gêneros como algo natural, ou seja, pertencente à natureza das coisas, portanto, imutáveis.
- Os textos obedeceriam a certa regularidade, com estruturas preestabelecidas de pertencimento aos gêneros épico, lírico ou dramático.
- Posteriormente, o filósofo e poeta latino Horácio (65 a.C.-8 a.C.), em Roma, defendeu a unidade de tom de cada gênero, pois estes eram compostos de determinado metro e conteúdos próprios, não devendo ser misturados. Portanto, Horácio defendia que os gêneros possuem fronteiras distintas que devem ser observadas na composição, evitando qualquer hibridismo.

De toda forma, após esses pensadores, um longo caminho medieval de interpretação dos clássicos, marcado pelas compreensões religiosas da arte, definiu que as regras para a arte teriam de ser extraídas das grandes obras greco-romanas, como modelos ideais.

Os variados classicismos que se sucederam conceberam os estilos e gêneros como possuidores de uma essência dentro de um universo fechado, que deveria evitar variações. Isso aconteceu em todos os períodos literários em que os referenciais se tornaram clássicos, como no Renascimento do século XV e no classicismo do século XVII.

Porém, entre essas duas escolas classicistas (renascentismo e classicismo/arcadismo), encontramos, na literatura barroca, um contraponto à teoria da pureza dos gêneros. A literatura barroca do século XVII representa um ponto de resistência aos preceitos e às regras da cultura clássica no tocante aos gêneros literários.



Saiba mais

As obras de Lope de Vega ou Calderón são representativas da mistura de gêneros. Contemporâneo a Lope de Vega, temos umas das mais belas obras da história: Dom Quixote de la Mancha, de Cervantes, uma novela híbrida que dialoga, de forma crítica e irônica, com as grandes novelas de cavalaria. Atualmente, ela é tratada pela Teoria da Literatura como umas das obras precursoras da literatura moderna, que, inclusive, antecipou as estruturas do que viríamos a chamar de narrativa moderna, mais tarde conhecida como romance.

O romantismo e a questão do gênero literário

Você deve ter notado no objetivo deste módulo a especificidade “da visão romântica à contemporaneidade” e deve ter se perguntado:

Qual é o marco fundamental efetuado pelo romantismo para se colocar como uma época de destaque quanto ao estudo dos gêneros literários?

O romantismo representa uma forte ruptura na visão de mundo do Ocidente, advindo de uma ruptura no modo de vida europeu, marcado por uma nova etapa do capitalismo, como a industrialização, a urbanização e a crise final e tardia do espírito e da vida medievais.

A evolução das ciências vem acompanhada da ascensão da classe burguesa, formada por ricos comerciantes que combatiam o poder centralizador da nobreza.

1

1

Com a Revolução Francesa, em 1789 – marco da mudança de poder da nobreza para a burguesia –, o iluminismo, que elogiava a razão científica moderna em detrimento da fé cristã, herdeira do espírito medieval, tornou-se o movimento em que inúmeros pensadores revolucionaram a forma de pensar da modernidade.

2

2

Com o romantismo, as portas da modernidade se abriram. A visão teocêntrica de coletividade foi definitivamente substituída por um desejo de liberdade individual. As regras e os parâmetros rígidos das estéticas passaram a sofrer o crivo de revoluções individuais e nacionais.

3

3

A liberdade política e individual defendida também passou a valer para a liberdade formal de composição nas artes e na literatura. Afinal, assim como se pregava a liberdade em relação aos poderes e valores da nobreza, do ponto de vista estético, também se pregava a não submissão às regras e aos valores literários fixos, representados pelos variados classicismos que se sucederam.

4

4

A liberdade cantada na França, marco da Revolução Francesa, foi motivo para o incentivo ao libertarismo em várias nações, inclusive no Brasil, dos poetas mineiros da Inconfidência. Colônias em vários continentes se libertaram dos antigos impérios. Com isso, cada nação passou a buscar a identidade própria, perdida em épocas de jugo colonial.

5

5

Também na Europa, esse processo de libertarismo se iniciou, e os vários nacionalismos em todo o mundo começaram a pensar, também, que as artes deviam ter uma identidade própria.

Quanto às regras definidas pelos gêneros literários, nada foi diferente:

Era o momento de romper modelos, alcançar identidades próprias, questionar heranças seculares que definiram os padrões estéticos para arte.

Um movimento importantíssimo, nesse sentido, surgiu na Alemanha, no final do século XVIII, como forma de se opor à influência do classicismo francês: ***Sturm und Drang***, que defendia uma ruptura total contra a teoria dos gêneros, pois pregava para o artista a absoluta individualidade e a autonomia na composição das obras.

A estética do chamado “gênero romântico” concebia a criação literária como uma força irreprimível de expressão da interioridade do poeta. Destacam-se nessas ideias pensadores e escritores alemães, como Johann von Goethe (1749-1832), Jakob Lenz (1751-1792) e Friedrich Schiller (1759-1805).

Defendendo o hibridismo dos gêneros literários, é preciso destacar importante obra, referência para os românticos e marco para os estudiosos da teoria literária: *Prefácio ao Cromwell* (1827), do escritor francês Victor Hugo (1802-1855).

Sturm und Drang

Expressão alemã que corresponde a “tempestade e ímpeto”.

Veja o que Victor Hugo defendia

No texto, Victor Hugo condena a regra da “unidade do tom” e a pureza dos gêneros literários, defendendo, muito ao contrário de Aristóteles, que não há separação entre tragédia e comédia, a dor e o riso, a tristeza e a alegria, o feio e o belo, o sublime e o grotesco, pois a vida é composta por contrários. Assim, a arte deveria ser a expressão dessa totalidade da vida.

No seio das ideias de Hugo está um forte princípio que haveria de ser defendido pelos românticos: o de que a vida, a verdade e a beleza residem na síntese dos contrários. Tal hibridismo, com efeito, fez com que, por exemplo, o teatro misturasse tragédia e comédia, assim como revelou uma rachadura nas fronteiras entre prosa e poesia, romance e lírica.

Posteriormente ao libertarismo dos românticos, houve um pequeno intervalo, em que surgiu uma nova defesa da pureza dos gêneros, representado pelas ideias do escritor e crítico francês Ferdinand Brunetière (1849-1906), que foi influenciado pelas teorias evolucionistas de Darwin (1809-1882).

Brunetière defendia a existência dos gêneros literários como um organismo biológico, tal como em algumas espécies haveria gêneros mais fortes do que outros, que teriam sobrevivido em detrimento daqueles mais fracos, que teriam morrido.

De toda forma, ele reconhecia a existência desses gêneros e chegou a defender a obediência às suas respectivas regras de composição.

A contemporaneidade e os gêneros literários

No final do século XIX, houve uma grande reação ao espírito do determinismo da biologia darwiniana, assim como uma acentuada crítica ao espírito decadentista e positivista de alguns pensadores do período, pois defendiam, novamente, a liberdade individual e a intuição.

Destaca-se, neste pensamento, o escritor italiano Benedetto Croce.

Para Croce, a arte deve ser produto da intuição e do conhecimento individual das coisas, pois há o que ele chamou de intuição-expressão. Em outras palavras, a arte representaria uma forma de conhecimento oposta ao conhecimento lógico, consequentemente um conhecimento alógico, que elabora cada expressão de forma única.

Dessa forma, Croce criticou duramente as teorias dos gêneros literários, pois os leitores e críticos não deveriam se importar se as obras obedeciam às regras do poema épico, dos preceitos e tratados líricos etc., mas sim observar se elas são expressivas e o que estariam expressando.

Ao teorizar sobre os gêneros, Croce até admitiu a instrumentalidade da concepção dos gêneros, como forma de contar a história da literatura e a história daqueles que observaram os preceitos dos gêneros, mas não admitiu a existência desses gêneros como absoluta, natural.

Outras teorias surgiram, conheça algumas:

Formalistas russos

No começo do século XX, os formalistas russos preconizavam a identidade da literatura com princípios e elementos particulares, pertencentes a certas estruturas linguísticas próprias, o que influenciou a concepção de gêneros literários, pois cada um destes deveria possuir elementos constitutivos elementares que definiriam as composições.

Emil Staiger

Já Staiger (1977) acentua a importância de que as obras e suas respectivas análises se apoiem na concepção de temporalidade da história, isto é, cada época da história teria seus valores e suas concepções, que abririam o texto literário a novas formas de composição – uma concepção muito próxima do que temos hoje para os gêneros.

Georg Lukács

O filósofo e crítico literário húngaro Georg Lukács (1966), em seu livro *A teoria do romance*, realiza uma fina análise do surgimento do romance à luz de teorias sociológicas que explicavam as formas literárias, como a do romance, que surgiam mediante as mudanças sociais e históricas da sociedade. Assim, o romance, como forma e com conteúdo peculiares, só existiria por conta da existência de uma nova classe, a classe burguesa, que aparece na sociedade e que a transforma totalmente a partir do século XVIII.

É dessa forma que Lukács (1966) entende que o romance é “a epopeia do mundo burguês”, pois se sustenta na observação de uma vida completamente diferente da vida e da visão do mundo feudal ou da nobreza, já que seus temas são acentuadamente urbanos.

O romance trata da vida privada, da visão individual das pessoas, das relações sociais marcadas pela divisão de classes e, sobretudo, passa a existir em uma época em que os leitores também se modificaram, já que passaram a viver em uma época de alfabetização/escolarização que lhes permitia acessar a leitura de obras antes somente destinadas aos poucos leitores alfabetizados dos castelos nobres.

Posteriormente, o romance também haveria de se transformar e se repartir em variadas formas, que estudaremos mais adiante.

O romance e o entendimento de gênero literário

Uma grande mudança com relação aos gêneros acontece com o aparecimento do **romance**, por conter uma fina análise da alma humana em sua individualidade, como, por exemplo, abordagens psicológicas e crítica de costumes. Dessa forma, o romance passa a se diferenciar das novelas mais antigas por sua estrutura e seus temas.

Novela

- As novelas de cavalaria possuíam temas medievais, com pano de fundo histórico nacional.
- O mais importante são os acontecimentos.
- A narração das novelas é impessoal, geralmente em terceira pessoa.

Romance

- O romance acentuava as vidas privadas como parte de uma crítica de costumes.
- A relevância passa fundamentalmente pelas personagens.
- Em muitos romances a narração é feita em primeira pessoa, e o leitor acompanha todos os dramas pessoais e limites de visão da história que estão presentes na perspectiva do narrador.

Vamos examinar um pouco mais a estrutura do romance, que apresenta:

1

Enredo

Também chamado de trama, intriga ou fábula (de fabulação), história, assunto, argumento, é o elemento temático central, compondo-se dos acontecimentos considerados em si mesmos, antes de uma temporalidade que lhe dê sequência.

2

Personagens

São os agentes da narrativa.

3

Narrador

Quem conta a história.

4

Narratário

A quem é destinada a leitura da história.

5

Tempo

Vai desde um tempo cronológico linear até um tempo do discurso, em que as medidas são sutis e, até mesmo, psicológicas.

6

Espaço

Também chamado de cenário, ambiente, paisagem. Há o espaço físico, objetivo, e o espaço psicológico, imaginário.

Foco narrativo ou ponto de vista

É de onde parte a narração da história, que pode ser contada por meio de um narrador onisciente – prática mais tradicional e antiga – ou a partir dos mais variados ângulos, quando o narrador: participa ou não da narrativa, participa dos pensamentos das personagens, apresenta somente o que vê, sem onisciência, interfere com comentários ou não.

Essa estrutura fundamental do romance, vista como completude em seu gênero, foi fortemente abalada nas gerações seguintes, principalmente após a segunda metade do século XIX. Nesse sentido, alguns elementos fundamentais do romance tiveram inúmeras variações que se seguiram cada vez mais radicais com o modernismo e a arte contemporânea.

Não vamos fazer uma lista exaustiva das variações e hibridizações do gênero, mas podemos destacar algumas subdivisões do romance que se tornaram fundamentais. São elas:

Conto

Texto breve de foco narrativo único. Ao contrário do romance ou da novela medieval, não possui digressões paralelas. Tem suas raízes nos contos orais, que eram breves e possuíam elementos insólitos. Carrega no enredo grande tensão em relação aos acontecimentos, pois, como texto breve, aposta na **unidade de efeito** de sentido.

A linguagem dos contos é contida, concentrada e compactada, com o objetivo de prender o leitor com elementos que levam, muitas vezes, ao suspense e ao mistério. Afinal, ao contrário do romance tradicional, o conto não expõe todos os elementos a serem pensados, mas os deixa sugeridos na narrativa, pois, na maioria das vezes, possui finais enigmáticos.

Novela

A novela, que nasce na literatura após o romantismo, é afiliada do romance. Sua estrutura não é muito diferente das novelas televisivas, até porque, durante muito tempo, foi publicada aos poucos, em jornais, com o nome de folhetim.

Há uma pluralidade dramática, com enredos que se entrecruzam durante a narrativa: são os chamados núcleos temáticos. O tempo é sucessivo, na maioria das vezes, cronológico. A linguagem é objetiva, muito próxima da fala, mas sempre ambientada segundo o tempo histórico representado (as “novelas de época”).

Há inúmeros personagens distribuídos nos núcleos de enredo, que geralmente se cruzam no interior da narrativa. O foco narrativo geralmente é onisciente, pois depende de um narrador que conta a história a partir de um ângulo panorâmico. Em sua adaptação para a TV ou para o rádio, o enredo surge na dramatização das personagens.

Crônica

Narrativa informal, misto de linguagem literária e jornalística, que aborda elementos e fatos do cotidiano. Possui linguagem leve, com certa frequência da presença do humor, e, geralmente, trata de assuntos urbanos, coletivos.

No Brasil, a crônica sempre foi muito presente, com grandes escritores participando, como Machado de Assis (1839-1908) e, mais recentemente, Luís Fernando Veríssimo. É uma forma literária de grande alcance, pois sua veiculação ocorre, na maioria das vezes, no interior de meios de comunicação de massa, como jornais e revistas. Atualmente, é muito comum em espaços como blogs, sites e páginas literárias.

Romance psicológico

O surgimento do romance já é, em si, uma guinada de assuntos, ambientação e paisagens externas para a representação das “paisagens internas” da mente humana. Porém, com o tempo, as finas análises da psique humana se acentuaram, principalmente com o desenvolvimento da psicologia em fins do século XIX.

Exemplos de romances psicológicos são:

- *Crime e Castigo*, de Dostoiévski (1866);
- *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1899);
- *São Bernardo*, de Graciliano Ramos (1934);
- *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector (1944).

Romance policial

Variação do romance que acentua em seu fio narrativo a investigação de crimes e mistérios. O leitor se posiciona como agente da investigação e “é convidado” a participar da elucidação e revelação do que está sendo narrado. Edgar Allan Poe (1809-1849) contribuiu para a criação do gênero, com a publicação de *The Murders in the Rue Morgue* (Assassinatos na Rua Morgue), em 1841.

Ensaio

Típico gênero híbrido, misto de literário e não literário, em que o escritor desenvolve livremente assuntos que passam pela ciência, mas com o crivo muito pessoal e sem a necessidade de comprovações acadêmicas.

Como o próprio nome diz, ensaio significa experiência, tentativa inacabada, mas, mesmo assim, seu caráter de criticidade é frequente. Este gênero aborda assuntos por meio de formas muito singulares. Disso resulta o fato de que as temáticas também são abordadas em sua singularidade subjetiva/objetiva ao mesmo tempo.

As transformações das composições literárias após o romantismo

Como já vimos, variadas concepções sobre a literatura e os gêneros literários se sucederam do romantismo ao tempo contemporâneo. Tais concepções foram acompanhadas e estão intimamente relacionadas às próprias transformações das composições artísticas.

Como é possível notar, cada vez mais, houve uma crítica à noção rígida de gênero literário, concebido por meio de fronteiras que delimitariam seus elementos e suas regras de composição.



Até a segunda metade do século XIX, vigoravam as regras literárias quanto ao pertencimento ao gênero.

O escritor, para ser considerado como tal, deveria dominar a arte literária por meio das convenções de gênero: regras para o poema, para o romance, para a novela e para a arte dramática. Mas sabemos que, pelo contrário, as grandes revoluções estéticas, a partir do romantismo, ocorreram na ruptura quanto aos gêneros, isto é, na formação de gêneros híbridos que alcançaram novas formas literárias.

O poema em prosa

A partir da segunda metade do século XIX, algumas grandes revoluções aconteceram na literatura, tais como:

- A publicação de *Folhas de Relva*, de Walt Whitman;
- A criação do poema visual *Um lance de dados*, de Mallarmé;
- O lançamento do livro *Pequenos poemas em prosa*, de Baudelaire;
- A publicação de *Os cantos de Maldoror*, de Lautréamont;
- O lançamento de *Uma temporada no inferno*, de Arthur Rimbaud.

São poemas em prosa, isto é, textos que compunham a mais radical ruptura com as fronteiras entre os gêneros literários.

Conforme Suzanne Bernard (1959), o poema em prosa tem seu impulso na obra dos poetas, a partir de traduções de poemas clássicos que davam ênfase à narrativa e ao conteúdo, negligenciando o trabalho estético típico da poesia.

Como exemplo, Rimbaud imaginava a vida e a poesia de modo inseparável. Dessa forma, apostava no caráter alucinatório da poesia, que acontece por meio das sinestésias, já que aspirava a uma linguagem total, síntese de todas as artes.

O que define o poema em prosa?

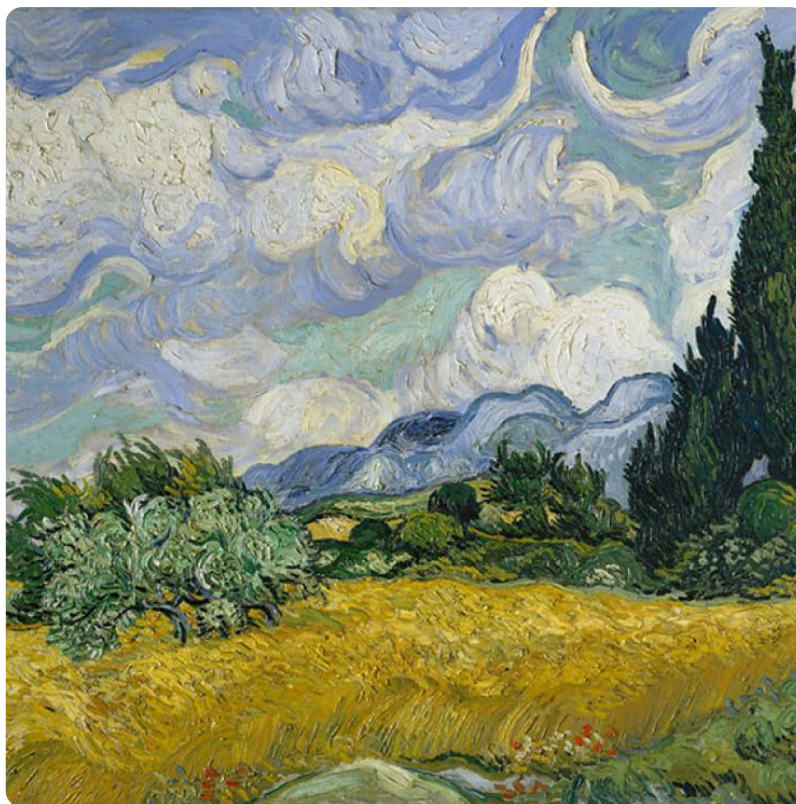
O que define o poema em prosa é justamente a apropriação de elementos consagrados da poesia para os textos em prosa, como a musicalidade, a plasticidade ou os efeitos sensoriais. São textos que se apropriam de técnicas de composição da poesia, mas compostos em parágrafos longos, como a prosa, em que a hegemonia dos recursos estéticos se sobrepõe ao conteúdo.

A prosa poética ou o poema em prosa é musical, rica de contrastes, ondulações do devaneio, com ritmo livre e imaginativo do texto. Transformando os diversos gêneros, no poema em prosa, cabe tudo: conto curto, carta, aforismos, diálogos, descrições, narrativas, lista de compras, filosofia, ensaio político, religião, reflexões sobre o próprio fazer poético, enfim, qualquer tipo de texto.

Na contemporaneidade, outros gêneros foram incorporados: a notícia de jornal, o cartaz, o banner, a placa de trânsito, os avisos urbanos etc.

Com o passar do tempo, já no século XX, poemas em prosa se tornaram fundamentais para pensarmos nas revoluções dos gêneros literários, como em *Nadja* (1928), de André Breton, ou *Liberdade ou amor* (1927), de Robert Desnos.

Dessa forma, há uma implosão dos gêneros. Mais tarde, o próprio romance incorporou elementos da lírica e da poesia (construindo **narrativas poéticas**). Além disso, as mais variadas rupturas cênicas ocorreram nos textos teatrais.



Com o modernismo e as vanguardas europeias (impressionismo, dadaísmo, expressionismo, surrealismo, futurismo, cubismo etc.), somados ao advento da fotografia e do cinema, que trouxeram evoluções técnicas à estética das artes, a tônica passou a ser a **mistura**, o **hibridismo**, a **ruptura**, que tinham como pano de fundo as técnicas da colagem, da montagem e da comunhão de culturas distintas na realização das obras literárias.

As transformações dos gêneros literários

Certas obras são fundamentais para pensarmos nas transformações dos gêneros literários. A seguir, elencamos, não de forma aleatória, algumas delas, pois “fizeram escola”:

Ulisses – James Joyce

Publicada em 1922, é uma obra totalmente revolucionária para o gênero. No tocante à temática, faz um corpo a corpo com a *Odisseia*, de Homero. Veja mais a seguir.

Odisseia

Na *Odisseia*, Odisseu realiza uma viagem de regresso da guerra de Troia até Ítaca, onde era rei. Calcula-se que o tempo interno da história seria mais ou menos de 15 anos.

Ulisses

Já em *Ulisses*, de Joyce, temos um herói trágico contemporâneo, Leopold Bloom, o protagonista, que faz uma viagem interna por Dublin por cerca de 18 horas. Neste microcosmo, Joyce experimenta apresentar um retrato da alma humana, por meio de finas “análises” literárias, mas, ao contrário do herói grego, a tragicidade dos modernos estaria em apresentar um herói contraditório, cheio de dúvidas e “falhas”.

Do ponto de vista das formas, o romance é composto por uma linguagem inventiva, experimental, com palavras denominadas palavras-valise, isto é, aquelas que possuem seus sentidos deslocados e abarcam o sentido de outras palavras dentro de si mesmas.

Outro ponto alto é o uso do foco narrativo chamado “fluxo de consciência”, pois é um tipo de focalização intimista e impressionista que parece recriar a atividade mental contínua do narrador. O romance seria, ao longo do século XX, modelo para estéticas experimentais e inacabadas – um grande destaque para sua renovação na literatura.

Em busca do tempo perdido – Marcel Proust

Escrito em sete volumes, publicados entre 1913 e 1927, o romance é um marco de exploração dos vieses da memória na composição das imagens e impressões. Podemos destacar alguns pontos sobre essa obra.

- Há uma gama muito rica de recursos estilísticos de narração, com forte acento nas impressões corporais e pessoais do narrador, que tem sua memória ativada pela presença ou recordação de cheiros, paisagens e sentidos corpóreos.
- Sua matéria também é híbrida, pois, ao recordar a vida pessoal, narrando detalhes extensos e sutis, o romance incursiona por tratados sobre arte e sobre o próprio fazer literário, tornando-se metalinguístico por excelência.
- Em outras palavras, o romance possui uma marca fundamental dos tempos modernos: a consciência do fazer artístico, que colocava em comunhão o escritor e o crítico ao mesmo tempo, como, por exemplo, em Baudelaire.

O estrangeiro – Albert Camus

Publicado em 1942, o livro representa uma guinada nas variações do romance, mas, sobretudo, uma contribuição da literatura para a filosofia de seu tempo – fato não surpreendente, já que Camus era escritor e filósofo.

Como em *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, as ações humanas não são julgadas pelos parâmetros convencionais de bem e mal. Há um questionamento desses parâmetros do ponto de vista filosófico e jurídico.

No que diz respeito ao protagonista, podemos dizer:

1. O protagonista, Meursault, comete um crime em situação muito adversa, pois dispara um tiro em uma posição na qual se vê ameaçado. Mas, em seu julgamento, o que mais importa é o fato de não ter chorado, no começo do romance, quando do momento em que estava no enterro de sua mãe.

2. Aparentemente, o protagonista é frio, não emotivo, negando qualquer relação com os valores do mundo, porém, mais profundamente, percebemos do quanto de humanidade está revestido. Em seu julgamento e em sua condenação, fica patente que o que menos importa é o crime que cometeu, mas o julgamento moral efetuado pelo viés dos valores cristãos.

Ainda temos outras obras que devemos considerar.

Grande sertão: veredas - João Guimarães Rosa

Romance publicado em 1956, herdeiro da estética experimental modernista, que conta a história do jagunço Riobaldo no sertão mineiro. Há um diálogo com a literatura universal, trazendo temas existenciais, como o pacto com o demônio, em uma intertextualidade com Fausto, de Goethe.

Possui linguagem completamente inventiva, muito próxima das estilísticas poéticas, como a busca de recursos sonoros e imagéticos na narrativa. Poderíamos afirmar que Guimarães Rosa recria completamente a língua portuguesa, bem como torna a ambientação, mesmo com as relações históricas realistas muito próximas, um misto de referência e plasticidade. Afinal, o autor recria o real histórico em uma ficção completamente imaginativa.

Perto do coração selvagem - Clarice Lispector

Livro de estreia da autora, publicado em 1943, que possui uma narração completamente intimista, em que o mais importante são as impressões e digressões pessoais. Foi uma ruptura para o romance brasileiro, pois os temas mais profundos são retratados pelo pano de fundo de um cotidiano muito simples de uma mulher órfã que adorava as galinhas.

A linguagem consegue ser simples e profunda, exatamente como exemplo da profundidade filosófica existente no cotidiano mais banal, o que, para o leitor, dá a sensação de uma literatura densa e, ao mesmo tempo, fácil de acompanhar, justamente pelo rico trabalho que a escritora realiza entre enredo e linguagem.

Zero - Ignácio de Loyola Brandão

Romance experimental feito de colagens e montagens, publicado em 1974. A história é contada por meio da exposição de cartas, cartazes, placas, inscrições em paredes, diálogos, figuras de livros, desenhos, logotipos de marcas famosas, quadros de avisos etc. O fio narrativo, pois, é construído pela comunhão de vários gêneros textuais, inclusive gêneros muito alheios ao que costumeiramente chamamos de literário.

Galáxias - Haroldo de Campos

Publicado integralmente em 1984. Poesia e prosa aqui se misturam. Este é um livro de parágrafo único, composto de uma linguagem poética advinda do movimento concretista, que teve Haroldo de Campos como um de seus criadores.

Sua temporalidade é quase inexistente, pois há uma exploração contínua de imagens poéticas sem nenhuma pontuação ou cronologia entre o “narrado”. Pode ser lido livremente, a partir de qualquer página, pois os efeitos de sentido serão sempre variados, como se o processo de leitura estivesse comparado à observação das constelações. Disso resulta o nome *Galáxias*.

Aparentemente, é um relato de viagens (pelas galáxias das palavras e constelação de imagens), e sua constituição é herdeira de grandes mestres, como James Joyce, de *Ulisses*.

Catatau - Paulo Leminski

Prosa experimental publicada em 1975, herdeira do livro *Galáxias*, de Haroldo de Campos, e de *Ulisses*, de James Joyce. Relata as incursões de Ranato Cartesius (que representaria a figura de René Descartes) em terras brasileiras, figurando o declínio da razão ocidental europeia em meio ao calor e à miscigenação dos trópicos.

Não é romance nem poesia. Como no romance, há personagens e narrador, mas não há temporalidade, pois a única sucessão de acontecimentos é a chegada de uma personagem esperada durante toda a leitura.

Não há paragrafação, e a linguagem aposta na invenção de palavras (neologismos), no uso de onomatopeias, nas palavras-valise (como em *Ulisses*, de James Joyce) e nos efeitos sonoros e gráficos, que dão um tom de concretude e imagética à linguagem.

Questionamentos e transformações dos gêneros literários na contemporaneidade

Neste vídeo, o professor Daniel Abrão fala sobre alguns questionamentos e as transformações dos gêneros literários.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Questionamentos sobre gêneros literários



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Separação entre tragédia e comédia e prosa e poesia



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Assinale a alternativa correspondente às mudanças literárias desencadeadas pela visão romântica:

A

O romantismo intensificou a necessidade de o fazer literário obedecer às regras das novas academias de arte.

B

O desejo de liberdade formal dos gregos foi resgatado para a modernidade.

C

Os conceitos sobre os gêneros literários criados por Platão e Aristóteles foram renovados.

D

Com o romantismo, os artistas passaram a defender maior liberdade individual no fazer artístico.

E

Os aspectos formal e normativo ganharam relevância na criação literária.



A alternativa D está correta.

O romantismo rompeu com as regras clássicas dos gêneros literários, já que foi um movimento que nasceu junto com a Revolução Francesa, na ruptura com a nobreza e suas regras para a arte. É uma arte já na era dos crescimentos das cidades e da exaltação aos valores individuais de liberdade.

Questão 2

Leia o texto a seguir:

“O Romantismo marca o fim da ideia de gêneros puros, ou rígidos, ao contestar as noções clássicas e propor a mistura entre eles. Assim, podemos notar que, muitas vezes, o lirismo e seus desdobramentos podem difundir-se na tessitura da prosa. Em *Iracema*, por exemplo, há muitas analogias, como quando a índia é comparada a elementos da natureza, então a associando ao próprio espaço natural brasileiro. Com o advento do Modernismo, o romance continuou modificando-se, em razão da ideia de liberdade estética que fez o homem externalizar suas inquietações. A angústia moderna, consequência de um sujeito desdobrado, perdido, desorientado, inclusive pelos conflitos gerados pelas guerras, abre os caminhos da criatividade. O contexto histórico e social cada vez mais dinâmico e diversificado modifica o gênero, impõe aspectos que interferem em sua composição.”

(FERREIRA, B.; SEGATO, M. A problemática do gênero literário a partir do século XX: fragmentação, mobilidade e (des)integração. **Diálogos Literários**, UNESPAR, 2012)

Problematizando os gêneros literários a partir do texto anterior e do que você estudou neste módulo, assinale a alternativa que apresenta uma obra literária que corresponda à transformação dos gêneros literários:

A

Catatau, de Paulo Leminsk.

B

Poética, de Aristóteles.

C

República, de Platão.

D

Dom Quixote de la Mancha, de Cervantes.

E

Os Lusíadas, de Camões.



A alternativa A está correta.

Assim como *Ulisses*, de Joyce, a obra *Catatau* é um tipo de experimentação literária nada convencional, que representa as transformações dos gêneros literários, pois o texto não pode ser classificado facilmente nem como romance nem como poesia. O texto traz elementos característicos tanto da prosa narrativa quanto da poesia, além de romper com convenções da escrita tradicional literária, como organização do texto em parágrafos, uso de efeitos sonoros e gráficos, e invenções de termos e expressões não usuais ou mesmo desconhecidos.

Considerações finais

Como vimos no primeiro módulo, as descrições dos gêneros literários foram feitas, primeiramente, pelos gregos Platão e Aristóteles. São descrições que, ao longo da história, sofreram inúmeras interpretações e influenciaram teóricos, bem como escritores, dramaturgos e poetas.

Muitas escolas literárias, principalmente aquelas com forte ligação com o classicismo, criaram regras para a arte, instituindo parâmetros e hierarquias, bem como limites para as composições, que deveriam respeitar as convenções dos gêneros literários. Outras, tendo um pano de fundo social, cultural e histórico favoráveis, preferiram apostar em mudanças e rupturas com quaisquer regras fixas.

Do romantismo em diante, temos definitivamente a mudança nas fronteiras que delimitavam os gêneros literários, que se tornaram híbridos.

Hoje, os gêneros narrativo, lírico e dramático já aparecem misturados, mas ainda são importantes parâmetros para ilustrar e entender a história da literatura em sua constituição e transformação.

Podcast

Neste podcast, você irá saber mais sobre os gêneros literários.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ouvir o áudio.

Explore +

Se você quiser se aprofundar no conhecimento sobre os gêneros literários, assim como relacioná-los a outros estudos sobre literatura e teoria literária, sugerimos a leitura do artigo:

TOFALINI, L. A. B. **Gêneros literários: confluências e divergências**. *Akrópolis*, v. 8, n. 3, p. 139-144, jul./set. 2000.

Para conhecer mais sobre o romance contemporâneo, sugerimos a leitura do artigo:

MELLO, C. J. A.; OLIVEIRA, V. S. **Romance**: gênero problemático ou ambivalente? *Todas as letras U*, v. 15, n. 1, p. 172-181, 2013.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. In: PESSANHA, J. A. M. Aristóteles. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores, v. II).

BERNARD, S. **Le poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours**. Paris: Librairie Nizet, 1959.

CAMÕES, L. V. **Os Lusíadas**. Manaus: Universidade da Amazônia, 2020.

GULLAR, F. **Muitas vozes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

LUKÁCS, G. (1966). **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

MOISÉS, M. **Dicionários de termos literários**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SOARES, A. **Gêneros literários**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, V. M. A. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.